



**“Meninos vestem azul”?:
a importância dos estudos da(s)
masculinidade(s) para as ciências sociais**

Mateus de Melo Albuquerque
*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos
da Universidade Federal de Pernambuco*
mateusmeloalb@gmail.com

Soraya Barreto Januário
*Professora do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade
Federal de Pernambuco e do Departamento de Comunicação Social
da Universidade Federal de Pernambuco*
soraya.barreto@ufpe.br

*Simpósio Temático nº 01 – “Meninos vestem azul”?:
a permanência da importância dos estudos da(s)
masculinidade(s) para as ciências sociais*

RESUMO

Este ensaio, homônimo ao simpósio temático que integra, tem como objetivo principal tratar da importância dos estudos das masculinidades para as ciências sociais. Apresenta, por meio de uma revisão bibliográfica, um panorama geral dos estudos das masculinidades ao longo das últimas décadas, partindo das masculinidades hegemônicas de Connell até futuros possíveis para os estudos na área. Argumenta ainda que as discussões sobre o tema ganham relevo quando ocorre o intercâmbio teórico-metodológico de áreas do conhecimento como a antropologia, a sociologia, a educação, a comunicação, a filosofia, entre outras.

Palavras-chave: Masculinidades. Estudos de gênero. Gênero e interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This essay, homonymous to the thematic symposium that integrates, has as a main goal to deal with the permanent importance of masculinities studies to the social sciences. It presents, through a bibliographic review, an overview of masculinity studies over the past few decades, from Connell's hegemonic masculinities to possible futures for studies in the area. It also argues that discussions on the topic gain importance when there is a

theoretical-methodological exchange with areas of knowledge such as anthropology, sociology, education, social communication, philosophy, among others.

Keywords: Masculinities. Gender studies. Gender and interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Ao longo do presente texto, expomos nossas maiores motivações de realizar o Simpósio Temático “Meninos vestem azul?: a permanência da importância dos estudos da(s) masculinidade(s) para as ciências sociais” durante o Desfazendo Gênero. Este ensaio apresenta um panorama geral para algumas chaves de entrada que possibilitaram a formação de uma área de estudos das masculinidades para as ciências humanas. Nosso objetivo principal foi o de tratar da importância dos estudos das masculinidades para as ciências sociais, visando estimular discussões sobre o tema por meio do intercâmbio teórico-metodológico de áreas do conhecimento como a antropologia, a sociologia, a educação, a comunicação, a filosofia, entre outras.

A oportunidade do Simpósio nos colocou em contato com pessoas de todo o Brasil que estão desenvolvendo pesquisas, seja de Iniciação Científica, trabalhos de conclusão de curso, mestrado, doutorado, ou pós-doc, sobre o grande tema dos estudos dos homens. Nesse contexto, consideramos as masculinidades como um fenômeno múltiplo, e talvez por isso tenhamos uma certa dificuldade ou desconfiança de definições rápidas do que significa ser homem. Ao longo das discussões, exploramos a partir de variados temas de que forma as masculinidades se relacionam com questões da vida doméstica, educação, saúde pública, consumo, mercado de trabalho, sofrimento, entre outras questões.

Este texto se divide em três partes principais. Primeiramente, apresentamos de que forma as masculinidades se apresentam como um tema relevante para as ciências sociais. Em seguida, traçamos um breve histórico dos estudos das masculinidades liderados pela socióloga Raewyn Connell na Austrália, por reconhecermos a grande contribuição dos conceitos elaborados em seu trabalho, mesmo que estes estejam em constante processo de revisão e aprimoramento. Por último, concluimos compartilhando aprendizados e pensando em futuros possíveis para os estudos das masculinidades no Brasil, levando em consideração o potencial do tema para futuras produções científicas

que se proponham a analisar as negociações dos homens entre si e com outras pessoas em nossa sociedade.

ENCONTRANDO AS MASCULINIDADES

Tudo que compreendemos no escopo epistemológico e na práxis da vida em torno do tema das masculinidades é profundamente histórico. Mesmo que ainda haja tentativas de definir o significado do *ser homem*, não é possível “encaixotar” experiências globais numa definição superficial. O que significa hoje ser homem no Brasil representa uma experiência bastante diferente das masculinidades indianas, por exemplo. Assim como as duas categorias se diferenciam totalmente das vivências canadenses, senegalesas, coreanas, etc.

Não queremos dizer com isso que as masculinidades se tratam apenas de formulações culturais em torno de um dado biológico, entendido como “natural”. Elas fazem parte de um processo de construção social contínuo, permeado por disputas, repleto de inconsistências e fragilidades. Cabe ressaltar ainda que a manutenção desse processo é constantemente vigiada e, por conseguinte, igualmente auto-vigiada.

Todas as categorias que envolvem masculinidades possuem inúmeras especificidades e uma grande diversidade de signos e possibilidades de performance do ser homem, especialmente se consideradas questões interseccionais e estruturais, como raça, classe e sexualidade. O cabra-macho do sertão nordestino, em muito se diferencia da realidade sócio-cultural de um homem empreendedor na Grande São Paulo. E as duas representações são totalmente distintas de, por exemplo, um índio Yanomani, mesmo que todos estejam no mesmo país.

Porém, tomando alguns pressupostos teóricos que interpretam o papel daqueles que exercem poder político e cultural, podemos afirmar que a categoria do homem hegemônico materializa papéis sociais geralmente associados à virilidade, à heterossexualidade, à dominação do feminino (Connell, 2005). Dessa forma, cabe destacar que a presente investigação, diferencia a masculinidade hegemônica de outros tipos de masculinidades. Sendo a primeira uma norma social, resultado de uma série de ritos de poder, enquanto as outras, abarcam uma grande diversidade e variedade de expressões do ser homem em diferentes locais, momentos históricos e contextos

sócio-culturais. A diversidade masculina opera na normalidade. Naquilo que é comum de ser visto, experienciado e convivido, enquanto a norma poucas vezes é suprida.

Quando nos referimos a alguém no masculino, localizamos esse corpo em um determinado tempo e espaço históricos a partir dessa nomeação. Não se nasce homem, como recupera Connell (2005) a máxima de Simone de Beauvoir, se torna homem a partir de normas, ritos e leis sociais compartilhadas em determinados contextos. Seguindo os ensinamentos de Vigoya (2018) e Segato (2020), entendemos que a invasão colonial provocou ainda na América Latina o aumento da violência de gênero e estruturou uma sociedade racista na qual homens violentam não apenas mulheres, mas também outros homens.

Dessa forma, apesar de o gênero ser um recurso através do qual o(s) sujeito(s) ganham inteligibilidade a partir de práticas reiteradas, também é uma forma de estruturar violências baseadas em raça, classe, sexualidade, deficiência, entre outros. Assim, homens dominam mulheres, mas além da condição *mulher* não ser universal, como já nos lembrou Butler (2019), estes homens que controlam armas, o sistema judiciário, as milícias e a política, também expropriam outros homens. É a partir desse pressuposto que começa a se estruturar uma área de estudos nas ciências sociais que leva as masculinidades em consideração como um objeto analítico.

UM PANORAMA DOS ESTUDOS DAS MASCULINIDADES

Mesmo que não seja tão simples definir o que significam as masculinidades, é fácil visualizar seus modos de estar presente em nossa sociedade. Ainda que possam variar de uma cultura a outra (Vigoya, 1997) as negociações do masculino acontecem a todo tempo na vida comum e social: desde o mundo do trabalho, até as arenas esportivas; no mercado da arte e entretenimento a uma nova indústria de cosméticos e beleza focada em homens; da política à música, ainda é possível visualizar sua presença. Diante disso, mas também (e talvez principalmente) levando em consideração o elevado número de violências que os homens infligem às mulheres e entre si ao redor do mundo, as ciências sociais voltaram o seu olhar para o universo das masculinidades.

Os estudos das masculinidades acompanham os estudos de gênero, mas se desenvolvem de forma mais tardia, se comparado ao aparecimento dos estudos das

mulheres. Estes últimos já estavam sendo desenvolvidos por teóricas feministas algumas décadas mais cedo. Reconhecemos que as fontes dos estudos sobre masculinidades são plurais mas, por questões didáticas, neste ensaio nos limitamos a pensá-las a partir da obra de Connell, devido aos seus impactos, revisões, desdobramentos e futuros possíveis.

Primeiramente, cabe destacar que os estudos das masculinidades desenvolvidos por Connell, juntamente com seus alunos, tentavam pensar como os homens podem contribuir para um mundo menos sexista e, dessa forma, menos opressor para os próprios homens. Uma tentativa de entender teórica e politicamente a maneira como os homens pensam o próprio corpo e práticas, além da sua relação com as mulheres e com outros homens.

Em entrevista, a autora e pesquisadora comenta que seu grupo de estudo era formado por homens gays, visto que as lésbicas preferiam o feminismo aos movimentos de liberação homossexual: “Alguns alunos e amigos meus eram participantes ativos do Gay Liberation. Todos eles homens” (CONNELL, 2013, p. 214). A própria Connell (2013, p. 215) relata que, desde o início, o trabalho que ela e seus alunos, aprendizes e orientandos realizaram foi desenvolvido a partir de uma estratégia multidisciplinar: “Nós começamos a preencher esse vazio [dos estudos das masculinidades], tentando combinar teoria gay, teoria feminista, um pouco de psicanálise, e uma teoria estrutural de gênero”. Vigoya (1997) concorda com o caráter transdisciplinar dos estudos em masculinidades argumentando que é possível visualizar uma expansão dos tipos de método de investigação do tema à medida que variadas disciplinas passam a contribuir com a questão.

A partir da leitura de Carrigan, Connell e Lee (1985, p. 551, tradução livre) podemos entender que, em grande parte, esse movimento de homens homossexuais em direção a um pensamento crítico, analítico e político acerca das masculinidades acontecia porque “Homens gays se tornaram politizados enquanto o novo feminismo se desenvolvia, e políticas de Liberação Gay continuavam a evocar a questão do entendimento convencional do que significa ser homem”. Estes engajamentos aconteciam ao mesmo tempo em que “Um pequeno movimento de "Liberação Masculina" se desenvolveu nos anos 1970 entre homens heterossexuais”. Nesse sentido,

entendemos que, em grande parte, os estudos das masculinidades começaram a se desenvolver ao passo que movimentos de rua pensavam em políticas capazes de criar um mundo menos sexista e desigual.

Os estudos que Connell desenvolve acerca das masculinidades se iniciam em um artigo publicado em 1982, *Men and Socialism* (Homens e socialismo, tradução livre), e se estendem no ano seguinte com a publicação em parceria com Tim Carrigan e John Lee, *Toward a New Sociology of Masculinity* (Em direção a uma nova sociologia da masculinidade, tradução livre), rejeitado na Austrália, mas editado nos Estados Unidos, o que rendeu visibilidade internacional para a pesquisa que estava sendo desenvolvida.

Enquanto socióloga, Connell (2013) relata que tinha uma teoria das masculinidades, mas se sentia insatisfeita por não ter dados empíricos que possibilitasse o desenvolvimento que ela esperava de um projeto de história das masculinidades. Após conseguir financiamento, ela publica *Masculinities* (Masculinidades), em 1993, livro ainda não traduzido para o português, mesmo que já tenham se passado quase três décadas da sua publicação e que a obra ainda seja amplamente utilizada no Brasil.

Apesar do grande uso da obra de Connell no Brasil e em outros países latinoamericanos, há também de se considerar que no contexto da América Latina existem especificidades interseccionais chamando atenção para questões como raça e classe. Estes temas precisam ser tratados com sua devida importância. Vigoya (1997) tenta, portanto, prestar atenção a essas modulações específicas que acontecem em nosso subcontinente, relacionando a análise das masculinidades a perspectivas étnico-raciais que permitem à autora entender que a construção da identidade masculina no contexto latinoamericano se dá, em muito, baseada no culto à virilidade.

Desde o seu lançamento original, *Masculinities* tem alavancado na academia debates sobre o papel masculino e sua relação com temas como corpo, política e cultura. De maneira parecida à das Universidades e centros acadêmicos, escolas, ONGs e até mesmo empresas têm tentado questionar o que significa ser homem, quais problemas isso cria e qual a melhor maneira de resolvê-los, parafraseando Butler (2019).

O assunto tem estado em voga principalmente pela contribuição do movimento feminista ao questionar as realidades vividas por diversas categorias de mulheres que variam desde violências simbólicas, à triste realidade de crimes de violência e dos

elevados índices de feminicídio em todo o mundo. A homofobia, o transfeminicídio, o racismo e a violência de classes também participam do debate. Uma das maiores contribuições do livro de Connell é a provocação que faz ao leitor para pensar as masculinidades, e as relações de gênero que ela institui, por seu caráter político. E nesse sentido, histórico, mutável e inevitavelmente controverso.

É durante o livro *Masculinities* que Connell desenvolve uma retomada histórica dos estudos das masculinidades. Se a própria forma como se produz ciência é generificada devido à dominação masculina (CONNELL, 2005), o interesse de estudar masculinidades também produz uma crítica necessária ao sexismo nas produções epistemológicas. A socióloga aponta a ocorrência de três momentos importantes no século XX para o desenvolvimento do campo de estudos das masculinidades, que são a clínica terapêutica de Freud, os estudos sobre papéis sexuais na psicologia social e os desenvolvimentos de disciplinas como a sociologia, a história e a antropologia.

Este conjunto de produções leva a autora a entender que a história das masculinidades é enredada com a história das instituições políticas de controle e das estruturas econômicas da nossa sociedade. Assim, tratar de “papel masculino”, principal interesse das investigações epistemológicas iniciais sobre masculinidades, se torna uma temática vaga na medida em que deixa de explorar a complexa rede de negociações em que os homens se inserem e como eles reiteram ou subvertem as estruturas de poder.

O conceito de masculinidade hegemônica criado por Connell (2005) a partir da sua leitura de Gramsci e desenvolvido no livro *Masculinities* tem protagonizado pesquisas, debates, inquietações e estudos em torno do tema das masculinidades. Como falado anteriormente, esta hegemonia trata de um regime no qual um padrão de masculinidade se torna a norma social, mas que também cria outras formas de masculinidades, que ela chama de masculinidade subalterna, masculinidade cúmplice e masculinidade marginalizada.

Sendo também criticado, principalmente por uma certa tentativa de universalidade, Connell, juntamente com Messerschmidt (2013) revisitam esta teoria na intenção de revisá-la para facilitar suas aplicações. Algumas das revisões feitas pelos teóricos são em relação ao modo de encarar as hierarquias de gênero, a geografias da

masculinidades, o processo social de incorporação das masculinidades e as dinâmicas que as masculinidades desenvolvem.

Posteriormente, Connell (2005) propõe um debate em torno de políticas das masculinidades e conceitua masculinidade como uma série de práticas que garantem aos homens a sua posição nas relações de gênero. Importa destacar que a autora se refere aqui às ações cotidianas, as práticas do dia a dia como ações formadoras da ideia de masculinidade que possuem uma racionalidade intencional, acintosa, com um sentido histórico definido, fomentado pelas relações sociais e de poder. Tais relações não reverberam apenas na cultura e na socialização, mas também nos corpos de forma física e simbólica.

A autora ainda observa que essas práticas e relações estão imbuídas de processos que dialogam com a geografia, estado, economia, família, sexualidade e política. Connell conclui que não podemos pensar em apenas uma masculinidade, mas em diversas masculinidades social-historicamente construídas, e que uma dessas formas é portadora de um status de hegemonia e as demais masculinidades funcionam como afirmadoras, antagonista ou periféricas a essa. Debates que deixam mais evidente a sua proposta em torno dos tipos de masculinidades que desenvolve no livro *Masculinities*.

De modo geral, a masculinidade hegemônica, apesar de normativa, trata apenas de uma minoria de homens e a hegemonia é, nesse sentido, entendida como “um padrão de práticas (...) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Mesmo sendo minoritária, a masculinidade hegemônica existe de forma consistente negociando diferentes relações na sociedade e, portanto, exerce sobre homens e mulheres um papel de controle e vigilância. O conceito foi bastante difundido entre teóricos e teóricas de gênero e ainda hoje facilita o entendimento das relações que as masculinidades desenvolvem entre si e com o feminino.

Os estudos das masculinidades formam, portanto, uma área específica do conhecimento nas ciências sociais e, desde seu crescimento exponencial a partir dos anos 1980, integram várias áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia, a educação, a comunicação, entre outras. Tais estudos devem ser entendidos sob uma perspectiva maior de mudança social, já que se empenham em propor novas formas de

masculinidades que sejam menos danosas aos homens, às mulheres e às pessoas que não se identificam em nenhum desses espectros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade de propor o simpósio temático “Meninos vestem azul?: a permanência da importância dos estudos da(s) masculinidade(s) para as ciências sociais” no Desfazendo Gênero nos colocou em contato com estudos interdisciplinares. Durante as três sessões do Simpósio, estivemos em contato com pesquisadores(as) de todo Brasil que estão empenhados em levar o tema das masculinidades em consideração para estudar questões como pedagogia e currículo, educação física, dança, câncer de mama, esportes, docência, entretenimento, entre outros.

Acerca dos próximos trabalhos na área, pudemos discutir um pouco sobre os impactos que a pandemia de Covid-19 pode trazer aos estudos de masculinidades. Seja tratando de políticas de cuidado e paternidade, luto e sofrimento ou impacto no mercado de trabalho, é possível visualizar que já existe um interesse de entender as interferências advindas da pandemia nas relações de gênero.

Pudemos observar que os estudos apresentados ao longo do simpósio buscam acima de tudo escapar de qualquer atribuição binária ou reducionista ao esquadriñar o grande tema das masculinidades a partir da multiplicidade da existência e vivências, propiciando um espaço fértil para abordagens das mais diversas disciplinas e áreas de conhecimento no campo das ciências sociais e humanas.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARRIGAN, Tim; CONNELL, Raewyn; LEE, John. Toward a New Sociology of Masculinity. **Theory and Society**, Vol. 14, No. 5 (Sep., 1985), pp. 551-604.

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre. Vol. 20 (2), 1995.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn. Uma trajetória pessoal e acadêmica: entrevista com Raewyn Connell. [Entrevista concedida a] ADELMAN, Miriam; RIAL, Carmen. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, 241-282, janeiro-abril/2013.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VIGOYA, Mara Viveros. Los estudios sobre lo masculino en América Latina. Una producción teórica emergente. **Nómadas (Col)**, Bogotá, núm. 6, marzo, 1997.

VIGOYA, Mara Viveros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018